

JORNAL O ESCRITOR UBE

UNIÃO
BRASILEIRA DE
ESCRITORES

SÃO PAULO - SP - MARÇO 2023 - Nº 155

 ube.org.br

 [ube/sp](https://www.facebook.com/ube/sp)

 [ubesp](https://www.instagram.com/ubesp)



**ENTREVISTA:
ALEXANDRE ASSINE**

**PRÊMIO NELLY
NOVAES**

**PRÊMIO ANNA
MARIA MARTINS**

**ENTREGA DO
PRÊMIO JUCA
PATO**



**MORRE CLÁUDIO
WILLER, POETA
QUE FOI ÍCONE DA
GERAÇÃO BEAT**

EDITORIAL

Muitas coisas aconteceram desde o nosso último número, em novembro de 2022. Houve uma posse histórica, com a faixa presidencial sendo passada pelas mãos simbolicamente do povo brasileiro ao presidente Lula, e o retorno, pouco a pouco, à normalidade política do País – e a brusca interrupção desse processo, em 8 de janeiro de 2023, com a tentativa frustrada de golpe de Estado. Grande parte dos golpistas está hoje encarcerada, mas ainda há muito trabalho para reconstruir o ambiente democrático e o que foi destruído do Estado brasileiro sob o governo anterior. A UBE, desde sempre, está ao lado da democracia, repudiando tudo o que vai de encontro ao Estado Democrático de Direito. Repetimos as palavras de Ulysses Guimarães: “Temos ódio à ditadura! Ódio e nojo!”.

O genocídio do povo yanomami emergiu com imagens de guerra. Tragédia é um furacão, um terremoto, um desastre ines-

perado. Por isso, o que aconteceu com os yanomamis não pode nem deve ser encarado como uma fatalidade. Não! O que houve foi, indubitavelmente, um projeto de destruição. Nas mãos desses falsos cristãos, faltou água, remédio e comida; faltou rio para pescar e terra para plantar, tudo contaminado. Os indígenas foram encontrados em estado de abandono. Foram ali deixados para morrer, deliberadamente deixados para morrer. Mais de quinhentas crianças morreram de fome! É assassinato! Ficamos a imaginar o que seria desse povo se esse projeto permanecesse, se a democracia não tivesse vencido. Certamente estariam condenados à aniquilação, os povos originários do Brasil. Agora, é tempo de salvar as vidas que restam, construir outro projeto COM os indígenas e não PARA eles. E foi pensando nisso que se criou um ministério especificamente com essa finalidade (o Ministério dos Povos Indígenas, que tem à frente

Sônia Guajajara); foi pensando nisso que hoje a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) tem, pela primeira vez (pasmem!), uma mulher indígena em sua presidência, Joenia Wapichana.

É por isso que esse primeiro número de 2023 do nosso jornal se enche de esperanças. É assim que esperamos que você, leitora e leitor, aproveite a leitura. Neste número, damos adeus a um ícone da poesia brasileira, Cláudio Willer, e saudamos um novo poeta, Alexandre Assine, que promete deixar seu nome na literatura brasileira. Também trazemos um conto de JCSibila, outro do associado Ataíde Menezes e um artigo sobre Graciliano Ramos, escrito por Ieda Lebensztayn.

Em tempo: os assinantes que desejarem submeter seus textos ao jornal podem entrar em contato pelo e-mail: formularios@ube.org.br.

Esperamos que aproveitem a leitura!

EXPEDIENTE

UBE
CNPJ: 62.921.937/0001-57
Site: ube.org.br
Email: ube@ube.org.br
Whatsapp: (11) 93418-5858

Presidente: Ricardo Ramos Filho
Impressão: Gráfica Scoretcci
Responsável: Cássia Janeiro
Revisora: Ieda Lebensztayn
Jornalista Responsável: Nicodemos Sena (MTB 14.604)
Projeto Gráfico e Arte: Gabriel Groke

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

ENTREVISTA

ALEXANDRE ASSINE

Alexandre Assine nasceu em Curitiba, no estado do Paraná, em 1988, e cresceu nessa cidade e no interior do estado de São Paulo, nas cidades de São Pedro (de onde é sua família), Piracicaba e Campinas. cursou Letras na Universidade Federal do Paraná, com estudos sobre a poesia de Gregório de Nazianzo. Foi revisor de textos e professor de português na rede estadual de ensino, e desde 2014 é servidor público concursado na Câmara Municipal de Campinas, no interior do estado de São Paulo.

Seu conto “Uma Lição” ficou na seleção final do Concurso de Contos Anna Maria Martins de 2021, realizado pela União Brasileira de Escritores, sendo posteriormente publicado pela Laranja Editorial junto aos demais finalistas.

Com o livro *Caligrafia* foi ganhador do Prêmio Revelação Literária UCCLA-Câmara Municipal de Lisboa de 2022. O livro é uma destilação de anos de experimentação poética, podendo ser caracterizado como uma coletânea dos anos de aprendizado e juventude. Daí seu título *Caligrafia*. Seu desenho, contudo, é deliberadamente fragmentário, ecoando deste modo o projeto literário do primeiro romantismo alemão e a tradição aforística. Sua poesia revela ainda a influência marcante de poetas brasileiros como Manuel Ban-

deira e Ferreira Gullar (a quem deve a escolha pela disposição espacial do verso em alguns poemas), do modernista espanhol Antonio Machado (e seu heterônimo Juan de Mairena), dos aforismos de Kafka, da poesia de Emily Dickinson e da tradição do haicai, particularmente de Bashô e Issa. Escreve no momento outro livro de poemas e uma novela, além de aforismos e ensaios.

UBE – Como se deu a sua formação primeiramente como leitor?

ALEXANDRE ASSINE – Creio que minha formação infantil da leitura não tenha sido excepcional. Gostava mais de ler sobre história do que literatura, o que acredito possa se dizer de minhas leituras até hoje. Acho que quando a literatura me impactou de um jeito inédito mesmo foi com dezesseis, dezessete anos, quando li o *Poema sujo*, de Gullar. E de algum modo tudo que veio depois no campo da poesia foi como que sobreposto a essa primeira passagem do arado de Gullar, que transformou a terra virgem para o resto da vida. A marca dele foi muito forte por muito tempo, e ainda tenho por sua obra uma gratidão imensa. Com certeza muitas coisas foram se somando nos anos seguintes...

UBE – Quando você começou a escrever?

AA – Lá por 2008, um ano decisivo da minha vida, eu realmente acreditei que o que eu queria, *existencialmente*, era escrever, e comecei a escrever poemas. E olha, não quero desencorajar ninguém, na verdade quero encorajar, mas se eu escrevo poesia desde 2008, escrevo há um bom tempo, e no entanto acredito que só desde 2017 eu comecei a escrever algo que realmente valha a pena vir a público. Digo isso como encorajamento porque quero dizer que o que importa é tentar e tentar. E não quero dizer com isso que o que escrevi antes não tem valor. Eu olho para aquela produção com amor mesmo, sei que tem alguns brilhos ali, e como foi importante para mim, mas o crítico que também tenho em mim vê as claras limitações.

Agora estou me aplicando à prosa ficcional, à qual quase nunca dei atenção, porque o que me era vital era a poesia, e aprender o básico da prosa, que é diferente da poesia, é um novo “aprender a andar”, cansa, às vezes humilha um pouco... Mas também é uma nova aventura.

UBE – Como foi esse processo de descoberta da literatura, agora como autor?

AA – Bem, a partir do momento em que você escreve você lê de outra forma. O amor pela leitura ocorre para quem escreve ou não, mas para quem escreve é diferente, porque você lê “namorando” o texto, está se “coalhando” de coisas ali que fazem casa em você e vão aparecer na sua escrita. Isso eu tenho há muito tempo com textos de poesia, e estou desenvolvendo agora com os de prosa ficcional.

UBE – Quais escritores inspiram você?

AA – Digamos que eu fui passando por vários autores e eles foram deixando as suas marcas. Como disse, no início era Gullar. O modernismo brasileiro me impactou muito já nos primeiros anos de leitura *pra valer* de poesia – particularmente Bandeira, que ainda é para mim quase que a imagem arquetípica do que tenho por um grande poeta, a erudição, o rigor formal, e ao mesmo tempo a delicadeza, a abertura à experimentação. O poeta espanhol Antonio Machado me impactou muito com seus “*proverbios y cantares*”, tanto que versos seus servem de epígrafe à *Caligrafia*. Alguns dos temas de sua poesia, e al-

gumas de suas preocupações formais, tiveram em mim um impacto perene. A tradição do haikai japonês também me virou a cabeça em algum momento, e sua marca ficou. E Emily Dickinson, os aforismos de Kafka, tudo que cheira a fragmento, ao mínimo com máximo de concentração. Por fim, Pessoa. Cada ano mais, Pessoa. É grande demais, vai-se uma vida para aprender a lê-lo todo; e, conforme o leitor se torna íntimo de sua múltipla genialidade, ela vai entrando como no sangue. Meu próximo livro de poesia tem um bocado de Pessoa mais ou menos evidente.

UBE – Você foi um dos vencedores do Prêmio Anna Maria Martins 2021, da UBE, e foi o grande vencedor do Prêmio Revelação Literária UCCLA-Câmara Municipal de Lisboa 2022. Qual o impacto desses prêmios na sua vida literária?

AA – Bem, o impacto foi me dar um estímulo muito grande a continuar, e validação externa, o que é necessário também, além de me permitir começar a ter mais leitores. Sem nenhum exagero, sem esse tipo de premiação é difícil para o autor

inédito achar luz para ser visto. Esses concursos merecem o máximo de estima, pois a literatura em parte se oxigena por meio deles.

UBE – Qual conselho você dá para novos escritores?

AA – Literatura é uma arte extremamente acessível, você pode começar cedo ou tarde, ser extrovertido ou introvertido, ter mil parceiros sexuais ou nenhum, e mesmo ter mais ou menos “talento”, a questão que no fim das contas importa é quanto isso é importante para você, quanto é vital, e quanto você vai ter essa necessidade íntima de continuar, de suar até chegar a algo.

Não desista. Se você ama escrever, você vai achar o caminho. Pode não ser o caminho sonhado *a priori*, mas você vai achar. Além disso, tente encontrar umas duas ou três pessoas que você ache que serão honestas para ler alguns dos seus rascunhos. É bom ter “leitores de teste”. Mas mesmo isso para mim demorou. O mais importante é amar o ofício, sempre descobrir nele coisas novas, e não desistir. O resto vem com o tempo.

ADEUS WILLER

Gostaria de falar sobre o Cláudio Willer como pessoa física, não apenas como presidente da UBE. Convivemos algum tempo, fomos vice-presidentes em uma mesma gestão da União Brasileira de Escritores. Sempre foi um sujeito extremamente cordial e nos relacionávamos com respeito e certo carinho.

Uma vez, logo quando nos aproximamos, tivemos uma conversa. Sabia de sua relação difícil com meu pai, problemas em gestões antigas da UBE – eles também atuaram juntos na entidade. Fiz ver a ele que não tinha nada a ver com os estremecimentos do meu velho; preferia

cuidar de meus relacionamentos com independência, respeitava muito o poeta, o criador revolucionário, não gostaria de herdar brigas. Na época, rimos. Afirmei que, já que não havia recebido uma herança monetária substancial, preferia não receber desavenças, até por não poder comprar nada com elas, apenas aborrecimentos.

De lá para cá, sempre nos tratamos muito bem. Foi um escritor que levou para a vida pessoal muito do que defendia em sua arte. Viveu livre e morreu pobre. Por sua causa, e observando muitos outros autores que vivem com dificuldades, conside-

ro que, até respeitando sua luta em uma organização que defendia escritores, precisamos fazer alguma coisa que observe um pouco o futuro desses artistas que se dedicam à literatura. Irei lutar por isso com afinco. Assim como existe a Casa do Ator, penso que deveríamos criar a Casa do Escritor. Há necessidade de pensarmos uma lei que ajude a reunir os recursos necessários. Será o meu compromisso com Cláudio Willer, uma morte que senti muito.

Ricardo Ramos Filho – Presidente da UBE.

CLÁUDIO WILLER

UM PROFETA?



Mons. Sérgio Conrado, Antonio Carlos Fester, Dom Paulo Evaristo Arns, Cláudio Willer, Chico Whitaker e Aurora Ribeiro Fester

“A UBE é uma entidade política; sua função é defender as liberdades democráticas, os direitos do escritor, o direito autoral, intervir em temas como o ensino de literatura e o aprendizado da leitura [...]. Ela dá a todo e qualquer escritor o direito de participar, de associar-se; ela participou muito de todo o processo de democratização, de todo o processo de resistência. Isto me levou a participar e a me envol-

ver até que acabei sendo seu presidente. [...] Nisto ela difere da ABL, uma entidade que cuida da Língua e seleciona seus membros. A Academia procura figuras públicas. [...] Premiação moderna é a que contempla os inéditos. [...] Leitor, descubra os autores com quem se identifica. Ler poesia é fundamental. A Palavra e a Leitura são instrumentos de relação e descoberta do mundo e de nós mesmos.” Essas foram palavras de Cláudio Willer (1940-2023) no programa *Provocações*, na TV Cultura, em 2003, bloco 2, entrevistado por Antonio Abujamra (1932-2015). Cláudio Jorge Willer presidiu a União Brasileira de Escritores em quatro gestões, de 1988 a 1992 e de 2000 a 2004. De 1982 a 1986, nas duas gestões Fábio Lucas, foi secretário-geral. Conhecemo-nos em 1979, na Livraria Capitu da rua Pinheiros, creio que num lançamento de Levi Bucalém Ferrari, semanas antes do lançamento do meu primeiro livro, *O mar tem várias cores*. Amizade instantânea, com insistência para que eu me filiasse à UBE. Décadas de uma amizade que só agora, com sua morte, me dou conta do quanto foi rica e profunda. Não sabia que gostava tanto dele. “Cúmplice”, ele escreveu em diversas dedicatórias para mim, cúmplices certamente nesta implosão sutil e sistemática, que bem ou mal tentamos fazer, de tudo o que seja reacionário e opressor. Uma amizade de poucas palavras, mas de muitos jantares, seja o oferecido por Maninha ao casal Fester, seja os meus com

ele em pequenos restaurantes que adorava, especialmente um na rua Paim do qual me foge o nome.

Maninha, sua companheira por mais de cinco décadas, numa relação amorosa aberta e tumultuada que nunca oficializaram. Maninha, a paixão de uma vida, do que sou testemunha e confidente privilegiado. Maninha Cavalcante, artista plástica, nascida em 21 de dezembro de 1945 e morta em 17 de abril de 2021. Cláudio começou a morrer quando o câncer a levou, como levou a ele em menos de dois anos, neste 13 de janeiro de 2023, aos 82 anos.

Uma amizade, a nossa, de muito respeito e discrição, de gargalhadas nas reuniões das diversas diretorias ou de pautas dos jornais da UBE, tudo aberto e com a participação de todos, na ampla sede da rua 24 de maio, onde imperavam os salgadinhos do bar do Franco, que também ia à casa dos associados recolher as anuidades. Reuniões que contavam com a nobreza de Lygia Fagundes Telles, Anna Maria Martins, Eunice Arruda e Rodolfo Konder; com a combatividade de Antonio Possidônio Sampaio, Ricardo Ramos (o pai), Paulo Colina, Valdecírio e Dalila Telles Veras, Roniwalter Jatobá, Silvio Fiorani, Luiz Avelima e Antonio Romane (o Tonhão); com a sedução de Yara Stein e Joyce Cavalcanti; de nomes históricos como Ibiapaba Martins, Audálio Dantas, Oswaldo de Camargo, Jorge da Cunha Lima, Carlos Frydman, Marcos Rey, Mário Donato e tantos outros.

Foi secretário da Comissão de Cultura, Ciência e Tecnologia da Alesp (1984-1985); representante em SP do Ministro da Cultura na gestão Aluisio Pimenta (1985-86); assessor cultural no gabinete de Rodolfo Konder; Secretário Municipal de Cultura em SP (1993-2000). Nessa função, me chamou para palestras sobre Direitos Humanos em diversos centros culturais da cidade um Willer bem diferente da geração dos anos 60, baderneiro nas noites paulistanas, com amigos que acolhia no sítio de seus pais, na represa de Interlagos onde flutuava seu veleiro preto, categoria 20 metros, chamado Maldoror. Faziam sexo à luz da lua, em meio a porres homéricos, além de drogas, muitas drogas, viagens lisérgicas, grandes experiências psicodélicas.

Um grupo que contava com Maninha, Roberto Piva, Roberto Bicelli e Antonio Fernando de Franceschi, com as namoradas deles e os amantes de Piva. Mas não se vivia só de porra-louquice; Willer cursava Psicologia na USP e Ciências Sociais na Escola de Sociologia e Política.

“Eu não diferencio a grandeza da poesia e dos ensaios, tanto é que eu sempre publiquei os dois juntos, textos em prosa, manifestos. Para mim, os dois são importantes. E sempre tive cabeça de ensaísta, e não só de poeta” (HUNGRIA, Camila & D’ELIA, Renata, *Os dentes da memória*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011, p. 177). O primeiro livro que li dele me fascinou por esta mescla de poesia e ensaio, *Jardins da provocação* (São Paulo:

Massao Ohno – Roswitha Kempf Editores, 1981): “[...] é preciso parar de ter medo das palavras/ porque, às vezes, é necessário penetrar no inferno”.

Antes desse, já tinha publicado *Anotações para um apocalipse* (1964) e *Dias circulares* (1976), ambos pela Massao Ohno. Em 2004, *Estranhas experiências* (RJ: Lamparina), traduzido na Argentina em 2018, e, também, *Poemas para leer en voz alta* (San José, Costa Rica: Editorial Andrómeda, 2007). Em 2016, *A verdadeira história do século XX* (São Paulo: Córrego), com ilustrações de Maninha, como em muitos outros livros.

Na área de prosa e ensaio, Cláudio publicou *Dias ácidos, noites lísergicas* (São Paulo: Córrego, 2019); *Os rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico*, ensaio (Porto Alegre: L&PM, 2014); *Manifestos 1964-2010* (Rio de Janeiro: Azougue, 2013); *Volta*, narrativa em prosa (São Paulo: Iluminuras, 1996; 3ª edição em 2004); *Geração Beat* (Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009, coleção Enciclopedia); e *Um obscuro encanto: gnose, gnosticismo e a poesia moderna* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010).

Obscuro encanto é fruto de sua tese de doutorado, defendida na USP em 2008, sob a orientação de Benjamin Abdala Junior, em Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa, e do pós-doutorado decorrente.

Nos últimos anos, Cláudio ame-

alhou grande público e respeito, pelos cursos sobre esses assuntos que ministrou até adoecer, fosse presencial ou virtualmente, em função da pandemia. Destacou-se pela erudição, generosidade, paciência, tolerância e capacidade de diálogo com os que não pensavam como ele. Até o fim, foi um operário da palavra.

Talvez seja mais lembrado pelas suas traduções da geração *beat*, do espírito *beatnik* que ele viveu em sua própria pele até as últimas consequências. Bem como o surrealismo, de Rimbaud a Murilo Mendes, e o gnosticismo sempre a serviço da poesia, gnosticismo que pesquisou profundamente não só em seu doutorado, pois presente em toda a sua vida e obra, com reverência, sempre com uma perspectiva inclusiva e libertadora.

Suas traduções são: *Os cantos de Maldoror* de Lautréamont (Vertente, 1970; 2ª edição: Max Limonad, 1986); *Escritos de Antonin Artaud* (Porto Alegre: L&PM Editores, 1983, e sucessivas reedições); *Uivo, Kaddish e outros poemas* de Allen Ginsberg (Porto Alegre: L&PM Editores, 1984 e reedições; nova edição, revista e ampliada, em 1999; edição de bolso pela coleção L&PM Pocket em 2000, reeditada como *Uivo e outros poemas* em 2005 e 2010); *Crônicas da Comuna* (sobre a Comuna de Paris, com textos de Victor Hugo, Verlaine, Zola e outros. São Paulo: Ensaio, 1992); *Lautréamont – Obra completa – Os cantos*

de Maldoror, poesias e cartas. Edição prefaciada e comentada. São Paulo: Iluminuras, 1997 (4ª edição em 2014); *Livro de haicais* de Jack Kerouac (org. Regina Weinreich, Porto Alegre: L&PM, 2013); *As pessoas parecem flores finalmente*, de Charles Bukowski (Porto Alegre: L&PM, 2015).

Para mim, fica o declamador da Boate Café Madame Satã, na força do Uivo, e nos registros em filmes que podem ser vistos na internet. Encerro transcrevendo os últimos parágrafos de sua narrativa, *A volta*: “Entre meu gesto e seu olhar está o que o símbolo contém e nos restitui, simultaneidade de imagens que se sobrepõem no mesmo espelho bifronte, luzes vencendo sua opacidade, mostrando fragmentos de cidades com suas ruas e lugares em uma nova geografia onde a Rua Treze de Maio atravessa a Praça Dauphine, chega a uma praia e também chega às ruelas dos alquimistas de Praga. É aqui onde se encontram autores e personagens de diferentes épocas e lugares. Dialogam. Discutem, concordam e divergem. Trocam palavras que, ao emergir na tela do texto, repetem o ressoar das vozes de poetas e magos, poetas que foram magos, magos que foram poetas, poetas e magos que foram profetas”. Cláudio: Um profeta?

Antonio Carlos Fester – Diretor da UBE

CARTA ENTRE DESAPARECIDOS

Chamo-me Fulano da Silva. Encontro-me na periferia da velhice e, antes que seja tarde, quero confessar um crime: violação de correspondência.

Há vários anos, escrevi algo de mim para mim mesmo. Era um desses solilóquios que de vez em quando alguém redige para ler depois de muito tempo. No caso em questão, eu, no limiar da adolescência e cheio de ímpeto, despejei no papel compromissos ingênuos e lugares-comuns: dentre outras coisas, não abandonar sonhos, ser feliz e realizado na vida, fugir das preocupações mesquinhas, viver cada dia como se fosse o último. Também esbocei vários projetos. Ao final, redigi a vigorosa certeza de que, um dia, eu leria tudo aquilo com ar de satisfação e sentimento de dever cumprido.

Guardei a carta num envelope lacrado, entre as páginas de um

gibi, e acabei me esquecendo de sua existência e do seu teor. Recentemente, reencontrei-a durante uma estada de alguns dias na casa onde cresci, quando, tomado pela nostalgia, fiz incursões arqueológicas pelo meu antigo e intocado quarto.

Meses antes de garatujar as frases, se bem me lembro, tentei encarar *Crime e castigo*, mas acontece que eu ainda não estava preparado para as elucubrações de Rodion Raskólnikov. Só bem depois adquiri maturidade suficiente para o gênio de Dostoiévski. Eis o que quero dizer: é preciso ler as coisas na hora certa. No que dizia respeito ao envelope esquecido na revista em quadrinhos, as incontáveis voltas dos ponteiros do relógio me transformaram num péssimo leitor da carta. Assim, não me reconheci na ingenuidade que permeava o texto. Era como se o autor dele fosse um indivíduo

de quem eu nunca ouvira falar. Havia algo mais: nunca consegui ver no espelho o homem a quem as palavras foram dirigidas, minha versão do futuro orgulhosa e fiadora de toda aquela determinação juvenil. Tratava-se de outra pessoa desconhecida. Eu era, portanto, um devassador da correspondência entre dois estranhos. Sim, confesso o delito e me declaro culpado.

A título de pequeno alento, constato que fui mais feliz do que Raskólnikov, pois houve o crime, mas não o castigo. Sorte minha que, no caso específico, a ação penal é condicionada à representação e nenhuma das duas vítimas existe mais. Ambas, remetente e destinatário, desapareceram sob essa pedra de moinho chamada tempo.

Ataíde Menezes – Associado da UBE

PASTOR ABJETO

Canalha, cafajeste, ignóbil, indecoroso, infame, mesquinho, odioso, ordinário, pulha, sábio e poderoso. Não sei outros qualificativos que poderia dar àquele ser que mudaria a minha vida.

Véspera de Natal, sexta-feira, comezinho da noite. Severino Brasil ainda esperava os desesperados retardatários. Passavam jovens com suas bebidas, outros menos jovens se anunciavam pela calçada em busca de diversão, veículos puxados a burro anunciavam uma jornada barulhenta, até que os sóis os mandassem calar. Mas Severino Brasil não, o seu ministério lhe ordenava que ficasse. Nem dormir, nem divertir, tinha que ficar ali esperando sabe Deus que Diabo viria. A orquestra da noite da qual só Severino Brasil não podia participar. Para não ficar alheio a tudo, tirava debaixo de uma mesa uma garrafa de cachaca que não podia ser descoberta por ninguém. Só eu, a indígena Jacira e Catchanka, aquela velha cadela perdida, que veio de outro mundo, conhecíamos o esconderijo da garrafa. Quando a cadela Catchanka aparecia abanando o rabo, eu já tomava um trago e derramava um pouquinho numa tigela toda amassada, para logo depois ela se acomodar num cobertor velho. Ela não entendia as minhas ordens, parece que seus antigos donos até falavam outra língua. Foi o pescador da vila que resgatou Catchanka em alto-mar. No

fim de uma tarde ele trouxe a Catchanka junto com os peixes, largou-a aí pelas ruelas em terra batida da vila dos pescadores.

– Essa cadela flutuava no mar agarrada a um pedaço de madeira com alguns escritos estranhos que eu só li Catchanka, que da leitura sei pouca coisa.

O velho pescador repetia isso sempre no fim da tarde, quando voltava do mar e se aboletava no boteco. Seu antigo dono talvez fosse muito austero e tivesse costumes diferentes dos que temos aqui nesta região aquecida como o fogo do inferno. Agora, depois que se aninhou comigo, ela me dava o pouco de alegria a que eu tinha direito.

Eu já me aproximava da porta de entrada para encerrar o expediente, quando entra um miserável com um bebê a tiracolo. E foi logo desembuchando suas súplicas, que eu tive que ouvir naquela hora da noite. Ainda ouvi um choro fraco daquela criança desnutrida.

1

– Senhor, em nome do seu Deus, que também é um pouco do meu, dá alguma comida para essa pobre criança, que não come desde que o sol se mostrou.

– Mas aqui é uma casa de reza.

– Por isso mesmo, em nome de Deus eu peço que salve minha criança.

Catchanka latiu, como se desse razão aos famintos pedintes.

Virei as costas e fui até uma gaveta aos pés do Cristo, abri nervosamente aquela gaveta e retirei um pequeno revólver. Aproximei-me de novo dos dois flagelados e disse:

– Toma, vai defender sua criança.

– Mas, senhor de Deus, eu nunca peguei isso aí.

– Vai lá, homem dos infernos, e arrume alguma comida para essa criança que está morrendo.

– Sem um dinheiro não vão me dar nada, é da lei.

– Então pegue esse ferro e descarregue o que tem aí dentro, quatro balas, dão ao menos para um bom tanto de leite de cabra e um pedaço de pão.

Nunca mais vi o miserável e sua criança. Quem estava se aproximando da minha igreja era o pastor que ocupava um cargo de chefia de toda a região, de todas as igrejas. Eu não gostava do pastor e acho que ele também não me apreciava muito, não. O automóvel dele me dava era muita inveja e vinha sempre com um motorista com cara de homem ruim. Nunca ficava muito tempo, dava sempre a impressão de não gostar daquele lugar de fé. Careca, gordo, andava sempre ofegante e com cheiro de perfume barato usado em excesso. Sempre. O motorista desceu e abriu rapidamente a porta de trás, e o pastor chefe desceu com sua maleta de couro e travas douradas. Todos os

apelidos que sempre eu falava poderiam ser referências a ele: canalha, cafajeste, ignóbil, indecoroso, infame, mesquinho, odioso, ordinário, pulha, reles, ribaldo, sórdido, torpe, tratante, velhaco, vil, súcia. Indecente, sábio e poderoso, mas tinha uma qualidade que era insuperável: falava bem e era convincente. Logo depois o seu fiel motorista pegou uma mala que eu nunca tinha visto nas outras vindas e veio para a porta da minha igreja.

2

– Espero que tenha uma boa acomodação para mim, esta noite dormiremos aqui, e amanhã farei uma celebração de Domingo para os pescadores da vila e as famílias. Quero essa igreja cheia. Agora vai de carro com Anésio e avisa, chame todo mundo, de casa em casa e no boteco também.

Severino Brasil acomodou o pastor chefe o melhor que pôde e partiu com o carro reluzente e o motorista bravo. Na lateral esquerda do veículo havia um pequeno autofalante e dentro eu recebi uma fita com a fala do pastor chefe e uma música muito forte que seria capaz de vencer até o capeta. Eu mesmo entrei em tal estado emocional que, juntamente com o motorista, pulei dentro do carro e acenava para os pescadores e familiares que se encontravam à beira das calçadas, perto do boteco. Quando o carro parava perto de um grupo de pescadores, o povo do vilarejo se aproximava e entrava naquela dança. Em seguida ele me passou um microfone e ordenou que eu

lesse um pequeno trecho escrito num papel. Eu olhei aquele papel e disse que não leria aquilo. O motorista me alertou em tom ameaçador:

– Melhor obedecer, são ordens do chefe.

– Obedecer? Chefe? Para mim ele é o pastor e no pastoreio não sei o que é “chefe” ou “ordens”.

– Então é melhor aprender, se quiser sobreviver e ter até vida abastada. Ele vai te dar tudo, mas precisa da sua alma em troca.

– E se eu recusar?

– Já é tarde, o fluxo não pode parar. Você romperia um grande elo que faz parte do projeto de evangelização do mundo.

– Evangelização do mundo?

– É coisa de gente grande, por enquanto limite-se a fazer o que lhe foi ordenado e com o tempo será um homem de posses e poder.

– É a minha consciência.

– Livre-se dela e terá o mundo. Você ama sua família?

– Muito.

– Vamos, leia logo esse papel, mas seja convincente. Seu povo te escuta.

3

Naquele momento fui tomado por uma espécie de catarse, que me integrava totalmente ao projeto do pastor chefe e que faria os moradores do vilarejo dos pescadores transferirem suas poucas economias para os fundos da igreja local que eu comandava. Impressionante como estas coisas envolvem a todos, inclusive eu, com um trabalho de comunicação consistente e que oferece recompensas aqui na terra, sem a demorada espera por um Céu

reconciliador. Afinal de contas nossas dívidas devem ser pagas aqui na Terra, e é essa informação que o pastor chefe passava; doação e recompensa aqui mesmo.

– Atenção, atenção, pescadores da Vila Esperança, amanhã o pastor de nossa igreja fará importante revelação aos habitantes locais. Venham amanhã à nossa igreja, às oito horas da manhã e serão testemunhas da transformação que irá acontecer em suas vidas. Domingo, oito horas da manhã, o encontro com uma nova vida.

Eu me sentia completamente fora de mim, não sabia como tinha entrado nesta frequência e, talvez, não conseguisse sair dela. No dia seguinte, a igreja estava lotada não só de pescadores, mas com todas as famílias de Vila Esperança. O pastor fez suas orações e depois falou com vigor e convencimento, acompanhado por uma música bastante envolvente. Ele falava de esperança, discurso positivista, um novo amanhã e promessas de abundância. Mencionou a “multiplicação dos peixes”. Como tinha outras ovelhas pelo mundo afora, disse que eu seria abençoado e o representaria naquela comunidade.

No final, todos muito envolvidos, deixavam algum dinheiro na caixa coletora e partiam emocionados de volta à vila dos pescadores. Mais pobres e necessitados, porém felizes e esperançosos.

O pastor-chefe partiu, portando boa parte do arrecadado e deixando uma quantia comigo para que iniciasse minha vida de prosperidade. Por muito tem-

po repetiu-se o procedimento: o carro de som anunciando durante toda a semana e o encontro dominical. A prosperidade da igreja era vista, e ainda eu enviava boa quantia para a sede. A comunidade mesmo não sentia o progresso

O tempo passou na lentidão da vida dos pescadores, mas a multiplicação dos peixes não se efetivava como prometido. Somente eu e a igreja percebíamos a prosperidade.

4

Mas Deus estava me proporcionando toda a riqueza que jamais poderia imaginar. Eu sentia que a cadela Catchanka olhava com mágoa o meu comportamento, minhas roupas novas, meu carro muito acima das possibilidades da vila. A indígena Jacira, de cor bonita e ainda jovem, com quem me casei e vivia feliz, passou a ter resistência ao meu novo status.

– Marido, o cacique me disse que não está certo o que você está fazendo.

– Mas o pastor diz que está, e é a esse Deus que eu devo seguir.

– O Deus indígena não tira o peixe de ninguém.

– Mulher, não blasfeme contra o Deus único. Sou seu marido e pastor, ordeno que se cale e peça perdão ao Deus que eu represento aqui na comunidade.

– Perdão eu não peço.

– Saia, fora do recinto sagrado! Catchanka saiu junto com Jacira, enquanto eu gritava cada vez com mais raiva:

– Índios malditos, querem a reserva só para vocês. Mas não vão explorar esse povo excluído, que será salvo pelas mãos

de Deus. Fora, fora!

Algumas pessoas apareceram na porta da igreja e perceberam a ira de Deus contra a pequena comunidade indígena, que vivia logo na entrada da mata. Duas noites depois, a pequena aldeia Jacira ardia em chamas e algumas pessoas levantaram suspeitas contra a instituição religiosa.

– Foi o seu Deus que mandou botar fogo na moradia dos indígenas? – perguntou Jacira.

– Blasfêmia. Isso é uma acusação que Deus não há de aceitar.

– O Pajé é quem está afirmando.

– Vocês colocam o Pajé acima do Deus único?

– Cada um com sua crença.

– Mas você não. Casou comigo num ritual cristão e vive comigo catequizada.

Ela se recolheu para um canto do terreno e nada mais falou. Cumpria todas as obrigações domésticas em silêncio, com Catchanka sempre ao seu lado. Cadela ingrata, teria morrido de fome, se eu não lhe desse abrigo. A cadela e a índia.

5

Um dia eu acordei bem cedo como sempre e estava tudo arrumadinho, a mesa do café posta com fartura, tudo no lugar devido, mas a indígena Jacira e a cadela Catchanka não estavam mais lá.

Daqueles momentos de procura e ausência para uma semana sem ninguém encontrar foi uma eternidade. Resolvi me dirigir à aldeia dos índios. Caminhada de quarenta minutos mata adentro e encontrei as duas conversando com o Pajé e um jovem que eu conhecia da associação dos pescadores da vila. Catchanka e

Jacira se aproximaram tímidas. Depois, vieram o jovem da associação e o Pajé.

– Bom dia, senhor Pastor.

– Bom dia, Pajé.

– Bom dia, senhor Pastor. Eu sou da associação dos pescadores da vila.

– Eu já conheço o senhor, que esteve algumas vezes na minha igreja e depois desapareceu.

– O senhor vai me perdoar pela ausência.

– Deus haverá de te compreender. Muito trabalho, não é?

– Sim, muito trabalho, mas havia também algumas divergências.

– Pensei que só o Deus dos índios tivesse diferenças comigo. Mas eu não vim falar de Deus, de pescadores, nem de índios. Vim só recuperar minha esposa e minha cadela, que por certo vieram a contragosto.

– Vieram por necessidade e em busca de dignidade, senhor Pastor.

– Meu caro pescador, não me consta que minha cadela e minha índia passem necessidade, nem que tenham uma vida diferente daquela que têm os dignos tementes a Deus.

– Marido, eu tenho muito a lhe agradecer o que tem me dado e aos nossos filhos e família.

– Uma família cristã, minha esposa. E o Pajé há de concordar comigo que índia Jacira tem muito mais do que teria qualquer índia aqui do seu espaço.

– Sim, meu marido, mas essa diferença está virando parte do problema.

– Alguém aqui pode me explicar que tipo de problema pode haver em viver bem?

6

– O senhor pode me dizer, se-

nhor pescador?

– A abundância e o luxo que lhe excedem, senhor Pastor, fazem falta à família dos pescadores.

– E fazem falta aos cofres da associação, não é?

O presidente da associação olha para o Pajé, para Jacira, para Catchanka. Observa os outros indígenas longamente, como se quisesse retardar a resposta.

– A comunidade da vila dos pescadores, e também a índia, foi seduzida pela guerra do seu palavreado. Os pescadores acreditam que, quanto mais colaborarem para a igreja, mais serão recompensados pela bondade divina. E o senhor sabe disso e é o único, juntamente com a igreja, que se beneficiam.

– O senhor Pajé vai permitir que o comunista fale assim com o representante de Deus?

– Povo da associação ajuda muito indígena. Indígena ajuda povo da associação. Eles e nós só quer que o dinheiro que vai para igreja fique para ajudar gente.

– A igreja não rouba de ninguém e ainda ajuda muita gente necessitada, inclusive índios e pescadores. A índia Jacira se não vivesse lá comigo nem sei se já não teria morrido, não é verdade, senhor presidente da associação.

– Mas, no entanto, ela preferiu voltar para a aldeia.

Jacira tomou coragem e, com humildade, resolveu entrar no assunto.

– Meu marido, eu sei que o senhor me ajudou muito, mas o espírito do meu povo me diz que eu não posso mais viver com essa situação.

– O espírito do seu povo está mandando você desfazer o casamento abençoado pela igreja de Deus? Eu vou voltar para minha igreja, e você, índia Jacira, pense no que está fazendo. Vamos embora, Catchanka.

A cadela estrangeira ficou em dúvida, queria vir, mas optou pela permanência na aldeia. No caminho vim refletindo a respeito da situação. Que mal eu estaria fazendo para aquela gente que me entregava espontaneamente algum valor e de que a maior parte eu repassava para as mãos de Deus? De qualquer forma, decidi falar com os meus superiores para tomar alguma decisão. Mudar um pouco para que tudo fique do mesmo jeito.

7

O Outono cedeu espaço para o Inverno cinzento e chuvoso, mas só o tempo trocou naquela paisagem. Eu continuava sozinho, Catchanka e Jacira não voltaram, as arrecadações da igreja continuavam vigorosas. Resolvi falar com o pastor, ver o que se pode fazer pelos pescadores, pela igreja e por mim. Por certo, Deus nos abençoaria em benefício do bem comum.

Ele chegou com uma caravana de outros seis pastores que eu não conhecia. Sentaram-se à mesa e, antes mesmo que os cumprimentasse com mais formalidades, o pastor se adiantou à minha recepção:

– Prezado irmão, representante de Deus nesta região de pescadores, você que traz alívio e esperança para esse povo sofrido, que multiplica os peixes deste mar infinito, precisa juntamente

com seus pescadores colaborar com mais algum quinhão para que a nossa igreja tenha condições de ajudar outras comunidades necessitadas.

– Mas, pastor, não quero pedir mais nada a essa gente sofrida.

– Você progrediu, e a você tudo foi dado, conforme prometido e combinado.

– Mas, meu pastor, eu estou perdendo tudo, minha mulher partiu juntamente com a cadela Catchanka, meu filho me censura e até os fiéis estão começando a reclamar.

Revoltado com minha recusa, o pastor chefe levantou-se, seguido pelos demais que se movimentaram junto com ele automaticamente, e ele foi saindo e dizendo:

– Tudo que você tem eu lhe dei, e agora você quer me negar o pagamento que me deve. Vou lhe dar um prazo razoável para me devolver um pouco do que lhe dei. Caso contrário, viremos buscar tudo que é nosso e você usufrui.

O pastor chefe e seu séquito saíram e eu nunca mais os vi pessoalmente. De tempos em tempos outros passavam pela igreja e levavam uma parte do arrecadado e dos meus pertences pessoais. Um dia, a indígena Jacyra voltou, juntamente com Catchanka, os indígenas e os pescadores, mas aí eu já não tinha mais nada.

JCSIBILA – Diretor da UBE, autor e dramaturgo

GRACILIANO RAMOS

ARTE E ÉTICA

“Não costumo externar-me sobre coisas que ignoro.” Escritas no contexto familiar de uma carta ao pai, Sebastião Ramos de Oliveira, provavelmente em 1934, tais palavras de Graciliano Ramos nos permitem pensar em sua poética e ética, cuja significação repercute fortemente hoje. No referido período sintático, note-se como, de forma concisa, o escritor expressa a seriedade de uma posição pessoal que traduz respeito pela realidade observada, por si mesmo e pelas outras pessoas. Aí está concentrada a concepção de literatura de Graciliano, de apenas escrever com base nos fatos analisados, experienciados, configurando artisticamente as personagens e situações, por meio da representação crítica da realidade social combinada com a expressão subjetiva de dramas vividos pelas personagens, fincados nessa realidade, com seus fatores econômicos. O princípio de não falar sobre fatos ignorados deixa ver também outra dimensão ética e estética da obra de Graciliano: a busca de conhecer e compreender as palavras, as coisas e as pessoas. Basta lembrar a face do escritor como *astrônomo do inferno*, apreendida do capítulo-conto “Os astrônomos”, de *Infância* (1945). Quase analfabeto aos nove anos, o menino viu a “noite extraordinária” de

ser convidado pelo pai a ler, ao seu lado, o folheto *O menino da mata e seu cão Piloto*. Animada, a criança reconhecia que havia alguma coisa no livro, embora difícil de entender totalmente: “E uma luzinha quase imperceptível surgia longe, apagava-se, ressurgia, vacilante, nas trevas do meu espírito”. Contudo, o pai interrompeu o novo hábito, provocando uma sensação de ruína no filho, que sofria com o estigma de incapaz: quando havia descoberto “uma coisa muito preciosa”, de repente “a maravilha” se quebrava, pareciam-lhe vedados os momentos de encanto. Ora, existe a prima Emília: o menino recorreu a ela, que lhe sugeriu arriscar-se a ler sozinho. Se os astrônomos leem o céu, disse ela, o primo, que conhecia as letras, seria capaz de reuni-las em palavras e “adivinhar” a página diante de seus olhos. Então, o menino se embrenhou no quintal com as personagens daquele folheto – os lobos, o homem, a mulher, os pequenos. Dobrando-se ao texto, libertou-se do estigma de “bruto em demasia”: “Reli as folhas já percorridas. E as partes que se esclareciam derramavam escassa luz sobre os pontos obscuros”. Com base no que conhecemos é possível compreender o desconhecido, o outro, uma “luzinha” aponta, mesmo se mantendo os

limites. Assim, o menino se fez outro, à semelhança dos astrônomos, mas seria o *astrônomo do inferno*: sua identificação não era com os segredos do céu, e sim com os homens perseguidos como os daquele livro. Essa lição poética da busca infinita de conhecer e compreender as palavras, os textos, os fatos e as pessoas singulariza Graciliano Ramos, a quem o jornal *O Escritor* ora homenageia, ao se completarem a 20 de março setenta anos de sua morte e da publicação de *Memórias do cárcere*. Antes da prisão, o romancista nos ofereceu *Caetés*, *S. Bernardo* e *Angústia* e, depois, *Vidas secas*, os mencionados volumes de memórias da infância e da cadeia, além de crônicas, de *A Terra dos Meninos Pelados*, das *Histórias de Alexandre* e dos contos de *Insônia*. Como Graciliano declarou ao ser homenageado em 1942, o olhar do público não deveria voltar-se a ele, e sim às histórias de Paulo Honório, Luís da Silva e Fabiano, marcadas por “desgraça irremediável”, de forma a prestar-se “solidariedade a todos os infelizes que povoam a terra”. O princípio de não falar sobre fatos ignorados – fundamental numa época de disseminação de mentiras –, no contexto da referida carta ao pai, referia-se à recusa de externar-se sobre um militar candidato a noivo de

sua irmã Clélia, o qual não conhecia. Destaque-se também a visão moderna de Graciliano: na carta, defende que a irmã fizesse a escola normal, a fim de ter uma profissão e garantir seu futuro, livre do marido, de irmãos e cunhados. E justamente a preocupação com a existência de bons professores e de escolas para todas as crianças, a qual inclusive constitui personagens como Madalena e Fabiano, foi um dos motivos que o levaram à cadeia. Conforme se lê nas *Memórias do cárcere*, cuja publicação a UBE hoje comemora, Graciliano, quando diretor da Instrução Pública de Alagoas, em 1936, conseguiu colocar na escola, ao lado de duzentos alunos de famílias mais arranjadas, seiscentas crianças pobres, além de vesti-las e calçá-las:

“Ao vê-las, um interventor dissera indignado:

– Convidam-me para assistir a uma

exposição de misérias.

E alguém respondera:

– É o que podemos expor.

Calçados e vestidos pela caixa escolar, os garotos se haviam apresentado com decência. Lembra-me da lufa-lufa necessária para modificá-los, ria-me pensando em Flora Ferraz sentada no chão, às oito horas da noite, a experimentar sapatos em negrinhos. Avizinhandome dela, repelira-me com raiva:

– O senhor tem coragem de me dar a mão? Estou suja. Desde a manhã aqui pegando os pés destes moleques!

Quatro dessas criaturinhas arrebanhadas nesse tempo, beicudas e retintas, haviam obtido as melhores notas nos últimos exames.

– Que nos dirão os racistas, d. Irene?

Na frente calma de d. Irene [a diretora de um grupo escolar] esboçava-se uma ligeira ruga, e eu admirava-lhe a dignidade simples,

a decisão rigorosa de abelha-mestra.”

Assim, a UBE defendendo sempre a democracia e a educação, sobressai a importância de nos expressarmos com conhecimento, arte e ética como Graciliano, que aliás presidiu a ABDE, Associação Brasileira de Escritores, origem da UBE.

Ieda Lebensztayn – diretora da UBE. Autora de *Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis* (Hedra, 2010). Organizou, com Thiago Mio Salla, os livros *Cangaços – Graciliano Ramos* (Record, 2014), *Conversas – Graciliano Ramos* (Record, 2014) e *O antimodernista: Graciliano Ramos e 1922* (Record, 2022).

PRÊMIOS DA UBE!

PRÊMIO NELLY NOVAES COELHO – 2022

No dia 1º de dezembro de 2022, a UBE – União Brasileira de Escritores, em parceria com o GPPLCCJ – Grupo de Pesquisas e Produções Literárias Culturais para Crianças e Jovens da USP – Universidade de São Paulo, realizou a entrega do 2º Prêmio Nelly Novaes de Coelho no auditório da Casa Japonesa no Campus da USP.

O evento teve como cerimonialista o secretário-geral da UBE, Rogério Duarte, que abriu o evento com vídeo da vida e carreira de Nelly Novaes Coelho, doutora e professora da USP, seguido da apresentação musical da cantora Vera Góes e o pianista Helio Cherubini, que abrilhantaram a plateia com “O trenzinho do caipira” de Heitor Villa-Lobos e “Carinhoso” de Pixinguinha, entre outras músicas brasileiras.

O 2º Prêmio Nelly Novaes Coelho contou com a participação de mais de 200 trabalhos de diversos estados do país. O júri, composto por 3 (três) integrantes da UBE e 3 (três) da USP, se-



Entrega do Prêmio Nelly Novaes na Casa Japonesa - USP

leccionou 10 (dez) finalistas, que receberam o certificado de participação no palco. O vencedor, Daniel da Rocha Leite (Belém, Pará), com o texto *Era preciso enfrentar os gigantes*, esteve presente e nos emocionou com a fala de agradecimento. Além de belíssimo troféu, ele terá o livro publicado e ilustrado pela Editora Cintra, apoiadora do projeto. Que venha o Prêmio Nelly Novaes 2023, com a ótima parceria UBE/USP!



Entrega do Prêmio Nelly Novaes na Casa Japonesa - USP

TROFÉU JUCA PATO – 2022

A entrega do Troféu Juca Pato ocorreu no dia 11 de dezembro de 2022, durante a missa dominical, na Capela da Faculdade São Judas Tadeu. Padre Júlio recebeu o troféu das mãos do presidente da UBE, Ricardo Ramos Filho. Na ocasião, a UBE organizou uma distribuição de livros para pessoas em situação de rua.

Em votação realizada pelos sócios da UBE, Padre Júlio, que publicou em 2021 o livro *Tinha uma pedra no meio do caminho*, concorreu ao prêmio com outros quatro finalistas: a jornalista Eliane Brum, o biógrafo Fernando Morais, o jornalista Laurentino Gomes e a autora e tradutora Marina Colasanti.



Pe. Júlio recebe o Troféu Juca Pato

Na obra, o pároco e pedagogo paulistano relata sua trajetória de 36 anos ao lado das pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo.

Como vigário episcopal do Povo da Rua da Arquidiocese de São Paulo, Padre Júlio está à frente de vários projetos municipais de atendimento à população carente, como a atuação junto a menores infratores, detentos em liberdade assistida, pacientes com HIV/Aids e populações de baixa renda e em situação de rua. Confira no número anterior deste Jornal uma entrevista de Antonio Carlos Fester com o Padre Júlio.



Diretoria da UBE reunida em comemoração à entrega do troféu Juca Pato

PRÊMIO ANNA MARIA MARTINS: 2023 APONTA MAIS NOVIDADES

O Prêmio Anna Maria Martins 2022 apresentou duas importantes novidades: as inscrições deixaram de ser gratuitas e passaram a ter uma pequena taxa. Com isso, foi possível realizar a segunda novidade: os três vencedores receberam seus prêmios em dinheiro. Os valores

ainda são pequenos, mas a esperança é que isso vá melhorando ano após ano.

Em função da pandemia, não houve cerimônia de entrega (embora a UBE tenha realizado edições especiais da Terça Literária, com os autores premiados). Para o Prêmio Anna Maria Mar-

tins 2023, a comissão instituída pela UBE ainda está detalhando a estrutura do concurso, o que será definido nas próximas semanas, mas que certamente trará novidades em relação à versão do ano passado.

CONCURSOS LITERÁRIOS

MARÇO

- 01.03.2023 - Prémio Literário Cónego Albano Martins de Sousa 2023 (#Portugal #Poesia - \$)
- 03.03.2023 - 19º Prémio Barco a Vapor | 2023 (#Brasil #LivrosInéditos #Infantojuvenil - @ - \$)
- 03.03.2023 - XII Prémio Literário Aldónio Gomes | 2023 (#LivrosInéditos #Poesia)
- 05.03.2023 - Portal Fazia Poesia (@)
- 06.03.2023 - Revista Ikebana (@)
- 08.03.2023 - Revista Artes do Multiverso (@)
- 09.03.2023 - Revista Campo ou Bola (@)
- 10.03.2023 - Antologia - Iemanjá, a Rainha do Mar - ArtLivroseCia (#Brasil #Contos #Poesias - @)
- 12.03.2023 - Chamadas - Intervenção Poética - Transvê (#Poesias - @)
- 14.03.2023 - Concurso #Contos RJ 1ª Edição – Um Olhar Sobre o Amanhã (#RJ)
- 15.03.2023 - II Concurso de #Contos Curtos - Sebo do Edy (@)
- 17.03.2023 - 2º Prémio Literário Mozart Pereira Soares (#Brasil #JovensAutores #LivrosPublicados - \$)
- 17.03.2023 - IX Prémio Hermilo Borba Filho de Literatura (#PE)
- 20.03.2023 - Antologia - Hefesto - WE Coletivo (#Contos - @)
- 24.03.2023 - e-Antologia - Ficção Científica - Pulpversos (#Poemas - @)
- 31.03.2023 - 21º Prémio Literário Paulo Setúbal e Editais da Prefeitura de Tatuí-SP (#Brasil - @ - \$)
- 31.03.2023 - Revista Mar de Lá (@)
- 31.03.2023 - 3º Concurso Municipal de Poesias (#CapãoBonitoSP)

- 31.03.2023 - XVIII Concurso de Trovas da UBT Maranguape - CE
- 31.03.2023 - XIV Concurso Literário “Poeta Zé Mitôca” - UBT Ocara - CE
- 31.03.2023 - IX Prémio Nacional de Poesia António Ramos Rosa (#Portugal #LivrosPublicados #Poesia §)
- 31.03.2023 - I Concurso de Trovas da Nova UBT São Paulo (@)
- 31.03.2023 - 7º Concurso de Relatos Breves do CEB - Universidade de Salamanca (#Contos - @ - §)
- 31.03.2023 - Prémio Nova #Dramaturgia de Autoria Feminina (#Autoras - @ - §)
- 31.03.2023 - Prémio Literário Cidade do Funchal - Edmundo Bettencourt (#LivrosInéditos - §)

ABRIL

- 07.04.2023- 24ª Edição Prémio Dr. João Isabel (§ - @)
- 15.04.2023 - Revista Cabeça Ativa (@)
- 20.04.2023 - Antologia de #Poemas - A Arte da Palavra (@ - ç)
- 23.04.2023 - Prémio Literário Francisco de Sá de Miranda | 2023 (#LivrosPublicados #Poesia - §)
- 23.04.2023 - Prémio Ulysses 2023 (#LivrosInéditos #Poesia - @)
- 25.04.2023 - VII Concurso do Concelho de Albergaria-a-Velha (#Portugal - @)
- 25.04.2023 - Prémio Todavia de Não Ficção 2022/2023 (#Brasil #LivroInédito - @)
- 27.04.2023 - 3º Prémio Literário Máquina de #Contos (#Brasil - @ - §)
- 28.04.2023 - Antologia - Projeto Livro de Graça na Praça (@)
- 30.04.2023 - III Concurso de Trovas Batista Soares - UBT Fortaleza - CE
- 30.04.2023 - Revista Mar de Lá (@)
- 30.04.2023 - Prémio Novos Talentos FNAC (#Portugal #Contos - §)
- 30.04.2023 - III Concurso de Trovas da UBT São Gonçalo - RJ
- 30.04.2023 -X Jogos Florais da UBT Campos dos Goytacazes - RJ
- 30.04.2023 - Prémio Literário da Lusofonia Professor Adriano Moreira - 3ª Edição (#Poemas)

MAIO

- 10.05.2023 - 6º Concurso Literário “Cidade de Ouro Branco” (@)
- 31.05.2023 - XV Jogos Florais de Cambuci - UBT Cambuci - RJ
- 31.05.2023 - III Concurso de Trovas da UBT Itaocara - RJ
- 31.05.2023 - Revista Mar de Lá (@)
- 31.05.2023 - 5º Concurso Literário da Revista PUB (@)
- 31.05.2023 - XXII Jogos Florais da UBT Curitiba - PR
- 31.05.2023 - 22º Concurso Lusófono da Trofa - Prémio Matilde Rosa Araújo | 2023 (#ContosInfantis - §)
- 31.05.2023 - Prémio de #Ensaio Agustina Bessa-Luís (@ - §)

*Mais informações sobre esses e outros concursos: <http://concursos-literarios.blogspot.com/p/inscricoes-abertas.html>.

§ Prémio em dinheiro

ç Inscrição pela internet

Voltado a público restrito

@ Prémio deve ser retirado no local ou o frete deve ser custeado

CONCURSO LITERÁRIO: LIVRO DE GRAÇA NA PRAÇA LANÇA CONCURSO EM HOMENAGEM A FERNANDO SABINO

Nos últimos vinte anos, o projeto Livro de Graça na Praça promoveu dez concursos literários e distribuiu mais de 350 mil exemplares, gratuitamente, em praça pública. Realizado anualmente em Belo Horizonte, o LGP já esteve nas praças também mineiras de Uberlândia, Uberaba e São Lourenço, em Manaus, no Amazonas, em Crato, no Ceará, e em Toronto, no Canadá. Entre antologias de contos, poesia, literatura de cordel e literatura infantil, 292 escritores de todo o Brasil participaram altruisticamente do Livro de Graça na Praça. Ao

lado de novos autores e vencedores dos concursos, já participaram do LGP escritores consagrados, como Affonso Romano de Sant'Anna, Fábio Lucas, Frei Betto, Thiago de Mello e Ailton Krenak.

Com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da educação e estimular a escrita e a leitura nos formatos de contos, crônicas e poesia, o Livro de Graça na Praça lança mais um concurso literário. Como parte das comemorações do centenário do escritor Fernando Sabino, o tema do concurso será alusivo à obra do escritor.

Os ganhadores terão seus trabalhos publicados na 21ª edição do Livro de Graça na Praça, a ser distribuída, gratuitamente, no próximo mês de setembro. Quem quiser participar, deve acessar o Edital do Concurso Internacional do Livro de Graça na Praça no blog do projeto: livrodegracanapraça.blogspot.com. O prazo para o envio do trabalho é de 1º de fevereiro a 28 de abril de 2023. Livro de Graça na Praça. Coordenador: José Mauro da Costa, concur-solivrodegraca@gmail.com.

TERÇAS LITERÁRIAS

Desde o início da pandemia, todas as terças-feiras, às 19 horas, a UBE tem promovido entrevistas com escritores. Essas entrevistas acontecem via Zoom, são transmitidas ao vivo pelo YouTube e ficam disponíveis na página da UBE no próprio YouTube, no Spotify e no Google Podcasts.

ASSOCIE-SE!

Seja sócia ou sócio da entidade mais tradicional de defesa dos direitos de autoras e autores nacionais, a UBE. Veja o regulamento para associar-se em:

<https://www.ube.org.br/formulario.php?id=14>.

E, se você é jovem e escreve, há também espaço para a sua participação. Procure o núcleo jovem da UBE:

<https://www.ube.org.br/formulario.php?id=97>.